



9º Simposio de Ensino de Graduação

A QUEDA DO SIMBÓLICO NA VIDA CONTEMPORÂNEA: UMA INTERPRETAÇÃO DA RELAÇÃO DOS SUJEITOS COM OS SÍMBOLOS DA IGREJA MATRIZ DE AMERICANA

Autor(es)

MARCEL HENRIQUE RODRIGUES

Orientador(es)

LUÍS ANTONIO GROPPPO

1. Introdução

Este trabalho versa sobre a Simbologia Religiosa e sua ligação com a Psicologia.

Uma obra de pesquisa bibliográfica e de campo que tenta compreender a relação entre o homem contemporâneo e os símbolos. Como será visto, os símbolos foram, uma das primeiras formas, de manifestação intelectual, psicológica e linguística da humanidade.

Tal carga cultural é herdada pelo homem e continua presente no cotidiano, principalmente no contexto religioso. A religião é, de fato, a herdeira de praticamente toda essa carga simbólica que a humanidade acumulou durante toda a sua história.

Os fiéis de uma determinada religião são postos em contato com essa simbologia, seja de forma oral ou concreta (através de imagens), mas o sujeito reconhece o significado deste símbolos?

É o que este trabalho tentará responder, mas que já se pode adiantar que muitos teóricos caracterizam nossa era como a era da "anemia simbólica".

2. Objetivos

Mediante uma extensa pesquisa bibliográfica sobre os Símbolos Religiosos e Psicologia, surgiu a curiosidade de uma investigação, mais aprofundada, sobre o tema. Parte-se do pré-suposto de que na contemporaneidade existe certa exclusão dos símbolos religiosos, bem como o seu não entendimento por parte das pessoas. Esta pesquisa, como se verá, tem como ponto de partida os princípios da simbologia com a análise de seu enfoque psicológico. Grandes nomes da Psicologia, como Freud e Jung, dedicaram-se ao estudo deste tema. Também serão expostos os argumentos de grandes estudiosos das Religiões, como Campbell e Mircea Eliade. Durante a leitura deste trabalho, perceberá o grande interesse dos indivíduos por este tema, mas, ao mesmo tempo, um completo desconhecimento pelos mesmos. Além de ser uma crise atual, fica claro que o desentendimento dos temas simbólicos afeta a própria identidade do indivíduo inserido na História.

Os objetivos gerais versam em compreender a dimensão história e psicológica da simbologia bem como analisar a relação entre sujeito e símbolos. Por fim, deseja-se esclarecer a importância da compreensão simbólica, por parte dos indivíduos, pois cada símbolo apresenta uma grande "carga" histórica da humanidade.

3. Desenvolvimento

A queda do simbólico: a dificuldade em compreender os símbolos religiosos

As semelhanças entre símbolos existentes em diversas culturas levaram os estudiosos, principalmente Jung (1965) a propor a teoria do Inconsciente Coletivo, que foi tanto aceita por muitos, quanto contestada por outros tantos.

Jung (1964), em seu último trabalho intitulado O Homem e seus Símbolos, escreve que o homem moderno, atingido pela tecnologia e pelo raciocínio lógico/empírico, perdeu a sua essência para interpretar mitos e símbolos, caindo em descrédito. Jung (1964) diz que os rituais e símbolos utilizados pelo homem primitivo são tidos hoje como ultrapassados.

Tanto para Jung (1964) como para Joseph Campbell (1989) tal concepção do homem moderno é um erro, pois chegaram a conclusão de que o homem primitivo colocava o uso dos instintos em rituais e símbolos, o que já não acontece com o homem dito racional.

Para Jung (1964) essa crise simbólica que afeta o homem moderno é uma das causas de suas perturbações psíquicas.

Jung (1964) explana que o homem moderno isolou sua criatividade simbólica, e assim a reprimiu. Lembrando que, para este estudioso, os símbolos são produções oníricas, típicas do Inconsciente, e se existe o Inconsciente Coletivo, o homem moderno não deveria desprezar algo que é tipicamente inerente a si mesmo, que é o ato de simbolizar.

Campbell (1989) enfatiza que, com a evolução do pensamento humano e o surgimento de novos movimentos filosóficos, os temas mítico-simbólicos entraram em decadência e, a partir de então, o homem considera os símbolos e temas míticos como algo extremamente ultrapassado.

Para Jung (1964) e Campbell (1989) a humanidade sofreu um ápice da valorização dos símbolos, e um declínio. Com efeito, para estes teóricos, o mundo primitivo (povos tribais, nômades, mundo Greco-romano) elevava o pensamento para o mundo tipicamente simbólico, com lendas e deuses e deusas ambivalentes que criavam e destruíam.

Com a passagem do tempo e o surgimento de novas religiões como o Cristianismo, por exemplo, reduziram-se estes mitos a alegorias dignas de nenhum crédito. Para Campbell (1989), a Roma imperial e a Grécia helênica, com seus deuses antigos, foram reduzidas a meros patronos cívicos, mascotes domésticos ou preferências literárias. O monte Olimpo tornou-se um local de escândalos e de pecado.

Mardones (2006) pondera sobre este problema e conclui que tal descaso com o símbolo reflete na psicologia do homem. Para este autor o período atual recebe, além da designação Iconoclastia Moderna, o nome de anemia simbólica. Com isso, Mardones (2006) afirma a separação e a queda do homem simbólico, que tempos atrás tanto produzia, como mostra sua existência, sobre símbolos e mitos.

O mesmo pensamento é compartilhado por Campbell (1990), que afirma que os símbolos e os mitos fornecem para o homem um sentido de vida, um conforto psicológico e, sobretudo, o exercício de imaginação e criação. O homem contemporâneo continua a criar e a cultuar símbolos, mas não com a intensidade dos antigos. Hoje o uso de símbolos passou a ser mera formalidade ou apenas uma indumentária para sinalizar uma determinada religião.

Campbell (1990) e Mardones (2006) criticam as religiões, principalmente a cristã, por desprezarem os seus próprios símbolos. Com efeito, na atualidade, tem-se uma religião preocupada com os problemas civis e políticos e, aparentemente, alienada do entendimento de seus símbolos e ritos. A prova de tal argumento se baseia nos fiéis que assistem aos cultos, observam os símbolos, mas não compreendem seus significados.

4. Resultado e Discussão

A pesquisa de campo na Matriz de Americana

A pesquisa de campo deste estudo tem como local a igreja Matriz Santo Antônio de Americana, no interior de São Paulo. A Igreja foi construída entre os anos de 1950 e 1970, e é hoje um dos pontos turísticos da cidade. É a maior igreja da diocese de Limeira e a maior de seu estilo, no Brasil.

Localizada no centro da cidade de Americana, interior de São Paulo, recebe milhares de fiéis durante todo o ano. Seu estilo arquitetônico é Neoclássico e, em seu interior, abriga um impressionante acervo de pinturas nas paredes e nos tetos. As obras são de autoria dos irmãos italianos Pedro e Uldorico Gentilli, que se inspiraram nas pinturas das igrejas romanas. Essas pinturas estão carregadas de símbolos religiosos e bíblicos, que não são meros ornamentos, mas devem instruir e lembrar os fiéis sobre o significado dos ritos e, conseqüentemente, sobre a analogia entre religião e vida terrena.

Foi a partir dessa suposta dificuldade do homem contemporâneo que surgiu o interesse em saber se os frequentadores deste templo sabem fazer a analogia entre os símbolos e a religião. Os símbolos pesquisados foram a Cruz, o Lábaro e o Pelicano

Vale ressaltar que todos os três símbolos serão postos em teste para cada sujeito, portanto, o indivíduo testado será questionado sobre a Cruz, o Pelicano e o Lábaro.

Para cada símbolo são colocadas quatro questões, com o seguinte teor:

- Sobre a percepção, a priori, daquele símbolo no local pesquisado;
- Sobre o conhecimento do significado do símbolo pelo indivíduo pesquisado;
- A respeito da interpretação particular do símbolo questionado;
- E, por fim, se o sujeito já havia se deparado com aquele símbolo em outros lugares.

Foram questionados dezessete (17) indivíduos dos sexos masculino e feminino, somando um total de sessenta e oito (68) testes aplicados

5. Considerações Finais

De todo o conteúdo teórico até aqui exposto, em que foi discutido sobre a necessidade de se conhecer os símbolos e a importância que possuem para a vida psíquica, pode-se concluir que, mediante esta pesquisa realizada empiricamente, há sim uma grande queda na relação entre sujeitos e os símbolos.

Assim como Jung (2008) relatou em sua obra *O Homem e seus Símbolos*, a dificuldade que o homem contemporâneo tem em se relacionar com os temas simbólicos é muito evidente, e o que se observou na pesquisa empírica é que o argumento de Jung (2008) é válido e totalmente verossímil.

Como já foram feitos comentário por comentário em cada uma das questões, não há necessidade de repeti-los aqui mais uma vez. É interessante notar um grau de dificuldade diferenciada que se deu na interpretação de cada um dos três símbolos. Com efeito, como visto, o símbolo da Cruz, por exemplo, não representou grandes dificuldades, visto que tal símbolo se tornou emblema do Cristianismo e principalmente da Igreja Católica Romana.

O Pelicano se mostrou um símbolo intermediário, pois, como se observa, a analogia feita entre o sangue de Cristo e o do Pelicano foi bem construída. Porém, foi o símbolo que mostrou mais estranheza para os sujeitos, que demonstraram um ar de inquietação perante aquela grotesca imagem.

Mesmo com essa coerente resposta análoga ao sangue de Cristo, não se pode negar o quase total desconhecimento dos indivíduos por essa imagem milenar. É importante lembrar que este símbolo foi colocado em questionamento após o símbolo da Cruz, que remete ao sangue de Cristo. Estaria aqui então uma facilidade para a analogia entre o Pelicano e o Cristo.

Por último, o Lábaro, que remete ao nome de Cristo, teve seu total desconhecimento por parte dos entrevistados. Todos se mostraram indiferentes ao símbolo, dando a entender que seu significado pouco importava.

Reafirmando as teorias sobre a Queda do Simbólico, somadas a esta pesquisa de campo, os autores como Jung (2008), Campbell (1990) e Mardone (2006) têm razão em dizer que a humanidade passa por uma anemia do símbolo, que é justamente essa falta de afinidade com os temas simbólico-místicos, que permeiam a História humana desde todo o sempre.

A História nos mostra que as grandes religiões da humanidade se fundaram sobre os alicerces do símbolo e dos ritos, porém, com o avanço do tempo, as próprias religiões esqueceram suas bases, e bloquearam o acesso da humanidade a estes temas.

Saber como ocorreu este processo levaria a cabo uma outra pesquisa, mas pode-se supor que a dificuldade em se explicar um símbolo, suas origens e o motivo de fazer parte de uma determinada religião iria requerer um amplo estudo das religiões, dos símbolos, da Psicologia e da História por parte dos indivíduos.

Não seria uma utopia, afinal, nada mais justo do que os fiéis de uma determinada religião entenderem o real significado dos símbolos, sejam ícones ou ritos, que compõem a sua fé. Assim, haveria sujeitos mais críticos com sua religiosidade, pois estariam em contato com a raiz de todas as religiões, o que os levaria ao maior entendimento e aceitação das outras religiões sem nenhum preconceito; entenderiam assim que as religiões se baseiam na tradição dos símbolos coletivos para se estabelecerem na História.

Referências Bibliográficas

CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 2009.

_____. O herói de mil faces. São Paulo: Pensamento, 2007.

_____. Tu és isso. São Paulo: Madras, 2003.

_____. As Máscaras de Deus Mitologia Primitiva. São Paulo: Palas Athena, 1992.

- DANIÉLOU, J. Símbolos cristãos primitivos. Porto Alegre: Kuarup, 1993.
- ELIADE, M. Imagens e símbolos. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FRUTIGER, A. Sinais & Símbolos. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HALL, J. A. Sonhos símbolos religiosos do inconsciente. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- JUNG, C. G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- _____. Psicologia e Religião. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- KAST, V. A dinâmica dos símbolos. São Paulo: Loyola, 1997.
- LURKER, M. Dicionário de Simbologia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARDONES, J. M. A vida do símbolo. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MOHR, G. H. Dicionário dos Símbolos, imagens e sinais da arte cristã. São Paulo: Paulus, 1994.
- SANTOS, M. F. Tratado de Simbólica. São Paulo: Logos, 1959.
- SILVEIRA, N. Jung Vida e Obra. 5 ed. Rio de Janeiro: Editor Paz e Terra, 1976.
- VIEIRA, J. D. A Cruz formas e simbolismo. São Paulo: Madras, 2009.